

CAROLINA SCOLFARO CAETANO DA SILVA

# A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



CAMPINAS  
2003

CAROLINA SCOLFARO CAETANO DA SILVA

TCC/UNICAMP  
Si38c



1290001323

# A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Monografia apresentada para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Professora Doutora Eliana Ayoub.

CAMPINAS  
2003

## Sumário

Resumo .....	3
<u>Capítulo I</u>	
Memórias .....	4
<u>Capítulo II</u>	
A escola e os estereótipos de gênero .....	10
• A sexualidade está na escola .....	17
<u>Capítulo III</u>	
Respeitando as diferenças.....	20
<u>Capítulo IV</u>	
Aulas de educação física: meninas e meninos “juntos”, mas separados .....	25
<u>Capítulo V</u>	
“Mudar é difícil, mas é possível” .....	29
Referências Bibliográficas .....	31

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a construção cultural diferenciada de corpos masculinos e femininos, que gera normas de comportamento e de postura consideradas corretas e verdadeiras, as quais são incorporadas em seus gestos, falas e atitudes em diferentes contextos. Tem como ponto de partida minhas experiências pessoais como menina/aluna/atleta e mais tarde como mulher/professora, observando como comportamentos e práticas influenciam e constroem os sujeitos masculinos e femininos.

Muitos espaços e instituições como a família, a igreja, a mídia, a escola e a educação física ajudam a manter e reforçar uma valorização desigual dos gêneros, determinando um papel inferior para as mulheres.

A escola, por meio de diversos mecanismos (arquitetônicos, organizativos, motivacionais e disciplinares) separa e estereotipa meninos e meninas. E a educação física, ao trabalhar com atividades diferenciadas para cada gênero, nega, tanto às meninas quanto aos meninos, a possibilidade de desenvolver-se plenamente como ser humano. As meninas têm maior dificuldade em participar de atividades mais ativas, como por exemplo, o futebol, pois têm menor oportunidade de vivência, aceitando a “superioridade” física dos meninos e a transferindo para outros aspectos da vida. E os meninos são impedidos de realizar e experimentar atividades que supõem gestos mais delicados e suaves, pois estes são considerados ameaçadores à masculinidade.

Com isso, é muito importante reconhecer a origem das diferenças e não atribuir uma razão biológica a fatores enraizados na cultura e na história. Com base neste conhecimento os professores poderão ter condições de iniciar um processo de revisão desses conceitos, para que possam trabalhar no sentido de uma transformação sócio-cultural dos estereótipos de gênero.

## Capítulo I

### **Memórias**

Eu tinha uns seis anos de idade e sempre brincava na rua com uma turma de crianças. Brincávamos de guerra de mamona, de bola, de pega-pega, esconde-esconde, de bicicleta, polícia e ladrão, queimada e até construímos uma cabaninha no mato, em um terreno atrás da rua aonde morava. Ah! Também tinha uma melhor amiga, o nome dela era Heidi. Nosso sonho? Ter um “walkie-talkie” e poder conversar sempre que quiséssemos, até durante a noite, cada uma da sua casa e da sua cama. Já imaginou como seria maravilhoso?

Nós adorávamos jogar vídeo games e outros jogos no computador, assistir filmes, jogar super-trunfo, andar de bicicleta, jogar bola e, às vezes, também brincávamos de boneca. Na maioria das nossas brincadeiras ficávamos dentro de casa, a mãe dela não gostava muito que minha amiga ficasse na rua. E todos os dias eu ia até o portão da casa dela que ficava em frente à minha e gritava “Heidinhaaaaaaa pode brincaaaaaaaa!” E quando ela não podia só me restavam os meninos para brincar.

Os meninos não gostavam muito que eu brincasse com eles, mas meu irmão era da turma e minha mãe ficava muito brava se eu, mais tarde, contasse que ele não quis brincar comigo. Acho que meu irmão morria de raiva disso, mas por causa dele os meninos acabavam me aceitando. É claro que eu tinha de me virar sozinha, porque eles também não me davam muita atenção. E foi assim até o dia em que minha “condição de menina” me foi revelada.

Eu sempre brincava de “polícia e ladrão” com os meninos. Na verdade eu achava muito melhor brincar com os meninos, pois com eles o jogo valia no bairro todo, e o bairro era bem grande. Já as meninas delimitavam um espaço muito pequeno para brincar, só valia na nossa rua porque as mães não gostavam que elas fossem muito longe, e isso acabava com toda a emoção e o realismo do jogo.

Um dia eu estava brincando no time dos ladrões, nós combinamos de nos dividir em dois grupos para despistar os policiais, então um grupo subiu a rua e o meu desceu. Fugimos, corremos pelo bairro todo. Quando soubemos que o outro grupo havia sido capturado pelos policiais armamos uma operação muito arriscada e fomos tentar libertá-los. Nós corremos em volta do quarteirão e quando estávamos subindo a rua, cansados e com muito calor, tiramos a camiseta e amarramos na cabeça. Eu estava andando um pouco atrás do grupo, e quando um dos meninos me viu sem a camiseta caiu na gargalhada. Eu nem sabia o que estava acontecendo, mas eu fiquei morrendo de vergonha porque ele estava rindo de mim. Quando ele conseguiu parar de rir falou: “Você é menina, não pode tirar a camiseta!”

Bom, o final do jogo eu não lembro como foi, mas foi esse o dia que me “caiu a ficha” o fato de que as meninas eram realmente diferentes dos meninos e que, portanto, não poderiam, ou melhor, não deveriam fazer as mesmas coisas e nem agir da mesma maneira que eles.

Hoje eu sei que tudo começou bem antes deste dia, antes até de eu nascer. É só notarmos como as pessoas se comportam de maneira diferente ao falarem com uma menina ou com um menino, ainda na barriga da mãe. As meninas são tratadas com mais delicadeza e suavidade, já os meninos podem ser tratados com maior firmeza, tanto na fala como no toque. Sara Delamont em “Os papéis sexuais e a escola” (1985, p.43) também nos mostra como o mesmo comportamento de uma criança é interpretado de

maneira diferente nos meninos e nas meninas. Ela relata uma experiência na qual um filme de um bebê de 6 meses, vestido de amarelo, foi exibido a 2 grupos: um composto por pediatras, psicólogos, educadores etc; outro composto por mães e estudantes. Metade de cada grupo foi informado que o bebê era do sexo masculino, e a outra metade de que era do sexo feminino. Todos os expectadores foram orientados a descrever o que o bebê fazia em cada fase do filme e os resultados foram claros: todos os profissionais e estudantes deram diversos motivos para as ações do bebê, de acordo com o gênero o qual acreditavam que o bebê pertencia e somente as mães não adicionaram motivos às ações do bebê. Quem acreditava observar um menino disse que ele chorava por estar zangado; e quem acreditava observar uma menina disse que ela estava assustada. Com isso, observamos claramente que existe a crença de que os meninos já nascem “agressivos” e que as meninas são medrosas “por natureza”.

As meninas ao nascerem são cobertas por roupinhas e vestidinhos cor-de-rosa, cheios de pompa e os meninos usam roupas que os deixam mais à vontade e com maior liberdade de movimentos; na maternidade a porta do quarto de um menino já tem como enfeite uma chuteira e no da menina uma bonequinha ou uma sapatilha de balé, assim, desde que nascem as crianças, meninos e meninas, já vão aprendendo quais atividades são apropriadas para cada sexo. Um pouco mais tarde, os meninos ganham de presente uma bola e são incentivados a brincar na rua, enquanto as meninas recebem bonecas e utensílios domésticos em miniatura e são ensinadas a brincar dentro de casa, a não se sujarem e a ajudar a mãe no trabalho doméstico (DAOLIO, 1997, p.82-83). E assim, *“os rapazes e as raparigas são criados, a partir das suas primeiras horas de vida, de modos diferentes, a fim de fortalecer comportamentos diferentes e de punir ou evitar actividades ‘erradas’”* (DELAMONT, 1985, p.44).

Neste sentido, podemos afirmar que a construção cultural do corpo feminino é diferente da construção do corpo masculino (DAOLIO, 1997). A intenção não é negar a diferença biológica entre os sexos, mas enfatizar a construção cultural diferenciada para cada sexo e mostrar os perigos de considerar essas diferenças como naturais.

“É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade ou em um dado momento histórico (...) O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental” (LOURO, 1997, p.21).

O uso do termo gênero diferenciado do termo sexo está diretamente ligado ao movimento feminista e surgiu buscando “*rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual*”, mostrando através da linguagem “*o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo*” (SCOTT apud LOURO, 1997, p.21). De acordo com Delamont (1985, p.21-22),

“(...) é central a distinção entre *sexo* e *gênero*. Estes dois conceitos estão intimamente ligados e são freqüentemente utilizados de forma confusa e causadora de confusões. Para resumir, a palavra *sexo* deve respeitar, para se falar com propriedade, aos aspectos biológicos da existência de machos e fêmeas. As diferenças de sexo, portanto, devem ser mencionadas unicamente a respeito da fisiologia, da anatomia, da genética, das hormonas, etc. A palavra *gênero*, falando com propriedade, deve ser utilizada para mencionar todos os aspectos não biológicos das diferenças entre indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino – vestuário, interesses, atitudes, comportamentos, aptidões – que separam os estilos de vida ‘masculino’ e ‘feminino’. Falando, então, com rigor, não deveríamos citar as funções dos sexos, já que as funções que as pessoas desempenham na sociedade estão relacionadas, essencialmente, não com a biologia mas sim com o comportamento social; quer dizer, essas

funções deveriam chamar *funções de gênero*. O que é habitual de falar-se de ‘funções de sexo’; mas, daqui para diante, usaremos a palavra *gênero* para descrever as características masculinas ou femininas a não ser que o assunto seja especificamente biológico”.

Cada sexo (que é biológico) constrói seu gênero e também é construído por ele. As normas, modelos e relações sociais vão, às vezes de maneira sutil e outras vezes de maneira mais agressiva, estruturando um ser-mulher e um ser-homem que incorporam uma série de elementos diferenciados e que são aparentemente “naturais” para cada um dos sexos. Porém, gênero refere-se a uma construção cultural do masculino e do feminino. Desse modo é importante entender que há diferentes construções de gênero, que dependem de diferentes idéias, modelos e imagens de homens e de mulheres (que podem ser de diferentes classes sociais, raças, religiões, idades etc). Também existem diferentes construções de gênero em diferentes momentos históricos, assim podemos dizer que gênero tem história e o que é feminino e masculino transformam-se.

A naturalização das diferenças há muito tempo é usada como justificativa para impor atividades adequadas para meninas e meninos, limitando os interesses, adequando os comportamentos e os movimentos corporais. Ao considerar as meninas “naturalmente” mais calmas e delicadas do que os meninos, espera-se que todas elas tenham o mesmo comportamento recatado e não se interessem por esportes mais ativos e agressivos. Com isso, é negado às meninas a oportunidade de se interessar e aprender essas atividades, tendo assim os seus movimentos corporais limitados. O mesmo ocorre com os meninos, que são “impedidos” de participar de atividades ditas femininas, como por exemplo, a dança. Quando um menino ou uma menina se mostra interessado (a) por atividades “erradas”, ou seja, atividades consideradas não adequadas para o seu gênero, são vistos(as) com grande preocupação principalmente por pais e professores, pois não se enquadram na idéia de masculinidade e feminilidade determinados pela sociedade.

A todo o momento podemos ver as diversas formas e estratégias utilizadas pelas instituições (família, igreja, escola, mídia...) para “encaixar” todos os sujeitos, meninos, meninas, homens e mulheres dentro das características consideradas por elas como corretas. Pensando em ações e falas, que na maioria das vezes passam despercebidas, pude perceber como alguns episódios que aconteceram comigo ou na minha presença, representam muito bem este controle exercido pelas instituições para “programar” os comportamentos.

Um dia, uma amiga e eu estávamos sentadas na calçada em frente à casa dela, nós tínhamos uns 12 anos. Estávamos apenas conversando quando a mãe dela saiu no portão, estava muito aflita e preocupada. Discretamente, antes que alguém percebesse a gafe da filha, ela falou bem baixinho para a filha ter modos e se sentar com as pernas fechadas, pois era mais adequado para uma moça. Minha amiga ficou muito revoltada com o controle da mãe, e com um tom de deboche arreganhou ainda mais as pernas e caiu na gargalhada. A mãe dela ficou com o rosto todo vermelho e ainda falou: “Eu é que não quero estar por perto se teu pai te vê fazendo isso!”

Acredito que o maior medo dos pais da minha amiga, e de tantas outras meninas, era que a filha ficasse “mal falada” por fugir das condutas da “boa-moça”. A sociedade espera que as “moças decentes”, as futuras esposas e mães (necessariamente nesta ordem!) sejam recatadas, reservadas e destaquem-se justamente por não chamar atenção (FRAGA, 2000, p.91).

## Capítulo II

### **A escola e os estereótipos de gênero**

A escola é atravessada pelo gênero como qualquer instituição social. Porém, a escola ganhou um lugar especial dentre as demais instituições sociais, pois ficou incumbida da “produção” de cidadãos exemplares, e cuida para que alunas e alunos carreguem os comportamentos, valores e virtudes que ali aprenderam, para além da escola.

“Ali se aprende olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir*. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores ‘bons’ e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e outras não...” (LOURO, 1997, p.61).

A escola ajuda a manter e até a reforçar as diferenças entre meninos e meninas e a valorizar de modo desigual os gêneros, gerando discriminação.

A escola começa a separar meninos e meninas desde sua arquitetura; ela já é planejada para separar. Os banheiros e vestiários são separados, assim como os armários. Em muitas escolas o interior do banheiro masculino e feminino também é diferente e já sugerem um modo de ser masculino e um feminino. No vestiário feminino da escola onde estudei durante o ensino médio, cada chuveiro tinha um box separado e fechado para manter a “privacidade de que as meninas necessitam”, dizia uma funcionária da escola. Já no vestiário masculino os chuveiros não ficavam separados e eram todos abertos. Este pequeno detalhe na arquitetura ajuda a moldar a relação que

meninos e meninas têm com seu corpo e com o corpo dos colegas e a relação que esses terão com o nu.

Nas duas escolas onde estudei durante toda minha vida havia um grande espelho no banheiro feminino, mas no masculino não. Havia a crença de que somente as meninas necessitavam de espelho, pois somente elas eram, e “precisavam” ser, vaidosas. Na escola, a invasão do banheiro feminino por um menino, ou vice-versa é um verdadeiro crime e a pena pode variar. O invasor pode ser condenado a levar uma bronca e ficar de castigo na diretoria ou ter a mãe chamada para uma conversa com a diretora, o que é muito pior, pois sempre são acrescentadas mais algumas reclamações e a bronca em casa fica bem maior.

A proibição de entrar no banheiro do sexo oposto parece despertar ainda mais curiosidade e interesse em descobrir porque é proibido e o que é que tem lá para esconder. Em uma dessas escolas, quando um menino entrou no banheiro feminino e descobriu que lá havia um espelho, espalhou a notícia para a escola inteira rapidamente, é sempre um ou outro menino queria entrar no banheiro das meninas para se olhar no espelho, afinal, por que somente as meninas tinham direito ao espelho?

Também os professores utilizam constantemente o gênero como princípio organizativo e estratégia de gestão das salas de aula, como mecanismo disciplinar e de motivação (DELAMONT, 1985).

Nas escolas as filas são, normalmente, separadas por gênero. Na entrada, na saída, na ida e na volta do recreio, na hora de pegar a merenda, na hora de levar o caderno para a professora corrigir, a organização é sempre a mesma: uma fila de meninas e outra fila de meninos.

Durante minha vida de estudante, da pré-escola até a 8ª série, a organização era sempre essa; havia uma fila de meninas e outra de meninos em ordem crescente de

tamanho. Eu, além de ter de ficar sempre na fila feminina, era sempre a mais alta da classe e tinha de estar sempre no último lugar da fila. Qualquer um que tentasse fugir desta organização sofria represálias ou era alvo de algum tipo de piada dos colegas e até dos professores. “Você não sabe se é menino ou menina?” Essa pergunta era dirigida a quem não estivesse em nenhuma fila ou estivesse transitando entre a fila masculina e feminina. Nas primeiras visitas à escola em que fiz estágio<sup>1</sup> pude perceber que a organização também era de filas separadas por gênero. Logo nas primeiras aulas quisemos mudar essa forma de organização, mas quando chegávamos na porta de uma classe para buscá-los para a aula de educação física, sem que disséssemos nada, eles se organizavam em uma fila de meninos e outra de meninas. Muitos estranharam quando falávamos que não queríamos que se formasse fila nenhuma e a confusão era bem maior quando pedíamos para que eles se organizassem de outra maneira que não fosse em duas filas.

Dentro das salas de aula os professores utilizam a separação por gênero desde a organização física da sala até nas falas e elogios que ouvimos constantemente no interior das escolas: “as meninas fizeram trabalhos bem mais caprichados” ou “os meninos são muito mais rápidos, eles já resolveram os problemas de matemática”. Assim, também se perpetua o que poderíamos denominar de “profecia auto-realizadora”, um fenômeno que foi estudado por pesquisadores norte-americanos, revelando que, por meio dela, “(...) o destino do aluno é selado de forma implacável e, na maioria das vezes, irreversível” (TAPAJÓS, 1987, p.10). Essa “profecia” que os professores fazem sobre seus alunos antes mesmo de conhecê-los, ou seja, a expectativa que estes têm no desenvolvimento de seus alunos, baseia-se principalmente em

---

<sup>1</sup> O estágio foi realizado durante o ano de 2002, vinculado à disciplina “Prática de Ensino de Educação Física e Estágio Supervisionado” do curso de Licenciatura em Educação Física da FEF/Unicamp, ministrada pela professora Eliana Ayoub. Aconteceu em uma escola da rede pública estadual de Campinas em parceria com Marina Hisa Matsumoto.

preconceitos e estereótipos sociais. Deste modo, “as professoras” que acreditam ser biologicamente diferente dos homens, e que por isso têm rendimento e interesses diferenciados nas diversas áreas, pensarão da mesma forma em relação às suas alunas. Digo “as professoras”, porque as mulheres ainda são grande maioria na docência (ainda se acredita que a docência é uma ótima profissão para as mulheres), porém o mesmo ocorre com professores homens que têm esta mesma crença.

Tem-se a idéia de que os homens são melhores com o raciocínio lógico-matemático, na educação física e que eles são mais criativos. Quando os meninos fracassam nesses campos, geralmente vem a desculpa de que eles são agitados e indisciplinados. As mulheres são consideradas melhores em tudo o que se relaciona com a linguagem, além de serem mais caprichosas e atenciosas, o que muitas vezes é usado como justificativa para o sucesso delas nos campos considerados masculinos (MORENO, 1999).

O professor que acredita nisto, de maneira muito sutil, por meio do seu comportamento no espaço de aula, em suas falas, elogios, gestos e olhar, leva o aluno a se comportar da maneira como ele espera que o aluno se comporte. E assim os meninos serão realmente mais eficientes nos cálculos e as meninas mais organizadas e caprichosas.

Os professores também utilizam a separação por gênero como mecanismo de motivação, criando competições entre meninos e meninas. É muito importante notar como a escola, em pequenos detalhes ajuda a perpetuar papéis sexuais limitantes e, às vezes, até caricaturais quando, por exemplo, na organização de espaços ou festas, ou mesmo em atividades durante as aulas, os meninos são sempre chamados a carregar objetos pesados, subir em lugares altos, ou seja, atividades um pouco perigosas e que

exigem força e coragem. Já as meninas ficam com o trabalho de decoração e limpeza, pois estas são caprichosas e estão acostumadas ao trabalho doméstico.

“Há, pois, a nível escolar, várias maneiras formais e informais de divisão e polarização dos sexos. No interior da sala de aula as coisas são também assim, e o gênero é utilizado para motivar e controlar os alunos, os materiais didáticos são sexistas, há ditos sexualmente estereotipados entre professores e alunos e tudo isso fortalece as idéias que os alunos já trazem” (DELAMONT, 1985, p.78).

Podemos identificar dificuldades em acabar, ou pelo menos diminuir o sexismo na escola, pois as crianças já vêm à escola com uma idéia estereotipada do masculino e do feminino e idéias claras do que são comportamentos corretos de meninos e meninas. Para Sara Delamont (1985, p.19) a “(...) *palavra sexismo significa a rotulação esquemática das pessoas segundo o sexo assim como o racismo significa a sua rotulação esquemática segundo a raça*”. Assim, cada um, além de saber como agir, sabe também “julgar” o comportamento do(a) outro(a), censurando e fazendo piadas de colegas que fogem às regras de conduta consideradas corretas.

Meninos e meninas de 7 ou 8 anos raramente se misturam (DELAMONT, 1985) e há um certo tabu no tocar, pegar na mão e até se aproximar de alguém do sexo oposto. Isto também acontecia na escola em que eu estagiava com alunos da 1ª à 4ª série. Quando era solicitado que eles se separassem em grupos, a divisão era sempre por gênero e era necessária uma intervenção minha para que essa segregação sexual não acontecesse sempre.

“O leitor poderá dizer que, se os alunos se separam desta maneira, é porque tal divergência é ‘natural’ e deve ser aceite pelas escolas. Mas o que eu digo é, porém, que todas as coisas podem ser feitas ‘naturalmente’ pelos alunos, mas muitas delas não são toleradas pelas escolas, nem por um momento; e esta

segregação tem que ser uma delas. No fim de contas, nenhuma escola consentirá que os alunos construam ‘fortes’ só para crianças negras, só para crianças das casas municipais, só para crianças católicas ou só para crianças de classificação A. Qualquer escola que se ouça dizer tais coisas tratará logo de ‘democratizar’ o ‘forte’. E apesar disso deixam que as crianças sejam sexistas mesmo em escolas ‘progressistas’” (DELAMONT, 1985, p.66).

Porém, nenhuma escola pode obrigar meninos e meninas a se juntarem. Mas pode, e deve trabalhar para uma conscientização, colocando em discussão o porquê da segregação e das diferenças para que as próprias crianças “democratizem os fortes”.

## **A sexualidade está na escola**

Como já discutimos anteriormente, a sociedade busca “enquadrar” todos os sujeitos em uma masculinidade e uma feminilidade hegemônica, que é considerada “normal”.

Por meio de diversas estratégias, a sociedade também trabalha para que homens e mulheres tenham uma identidade sexual “normal” e fixa: a heterossexual. Desse modo, espera-se que a biologia, a anatomia, a fisiologia, definam a identidade de gênero dos sujeitos e que esta defina a identidade sexual<sup>2</sup>. A relação entre as identidades sexuais e de gênero é tão próxima que geralmente elas são confundidas, e é justamente por essa confusão que um homem gay é considerado feminino, ou “não-homem” e uma mulher lésbica é considerada masculina.

---

<sup>2</sup> Segundo Guacira Lopes Louro, as identidades sociais (étnicas, sexuais, de classe, de gênero etc.) dão aos sujeitos “o sentido de pertencimento a diferentes grupos” (1997, p.24-25). Elas constituem os sujeitos: que podem ser homem, mulher, negro(a), brasileiro(a), índio(a), homossexual etc. As identidades se definem no âmbito da cultura e da história, são plurais e múltiplas, transformam-se e podem ser até contraditórias.

Muitos profissionais da educação e também pais de alunos pensam que a sexualidade não deve ser tratada na escola por considerá-la uma questão apenas pessoal ou familiar. Porém “a sexualidade é também ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (LOURO, 1999, p.11). A sexualidade, assim como o gênero, é uma construção cultural que regula, normaliza e produz verdades. Afinal, se a sexualidade fosse algo natural e inato, não haveria necessidade de tanto esforço para vigiá-la e controlá-la para que todos assumissem a identidade heterossexual. Os sujeitos são “fabricados” como homens e mulheres heterossexuais, homossexuais ou bissexuais e também aprendem a reconhecer as “verdadeiras” condutas e os prazeres e desejos considerados “normais”. Porém,

“Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma *relação social* contraditória e não finalizada” (BRITZMAN apud LOURO, 1997, p.27).

A escola, e não só a escola, empenha-se para levar os sujeitos para o “caminho da normalidade”. Porém, a sexualidade não é tratada de forma aberta. Esse assunto é sempre adiado ao máximo e comentado com muita reserva e discrição somente quando não pode ser evitado. Como a sexualidade é considerada um assunto para adultos, dificilmente esse tema é abordado na escola, ainda se pensa em silenciar para manter a inocência e a pureza das crianças, e se possível prolongá-la até a adolescência. Aquele que se atreve a falar e a expressar qualquer gesto que insinue a sexualidade é alvo de vigilância, controle e até punição, pois perdeu a inocência e teve atitudes não condizentes com a escola; está corrompido.

Desse modo, a escola nega a sexualidade e acredita que o não falar “(...) *possa funcionar como um ‘preservativo’ que impeça o ‘contágio’ das condutas sexuais normalmente aceitas pelas rejeitadas*”; porém, não se dá conta de que o não dito “(...) *é uma das tantas maneiras de se falar a respeito da sexualidade e de se posicionar dentro desse discurso*” (FRAGA, 2000, p.149).

Apesar da escola instalar uma “lei do silêncio” sobre o assunto sexualidade, Guacira Lopes Louro (1997) afirma que a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos e estes não podem se despir de sua sexualidade como se despem de suas roupas. Porém a escola, na tentativa de despir alunos e professores da sexualidade e impedir que esta entre pelos seus portões, controla até as roupas de quem passa pelo espaço escolar.

Quando estava na 6ª série, a direção da escola estadual em que eu estudava tentou adotar o uso do uniforme para todos os alunos. A grande maioria dos alunos passou a usar o uniforme: uma calça, uma bermuda e uma blusa de moletom azul marinho e uma camiseta branca com o emblema da escola no peito.

Na época do calor, após muitas meninas irem até a diretoria reclamar do “abuso” dos meninos, a direção da escola proibiu o uso da bermuda pelas meninas. Houve muita briga e discussão e muitos pais foram até a escola, o que fez a direção voltar atrás na proibição da bermuda das meninas, mas com uma condição: uma funcionária da escola ficaria no portão na hora da entrada para medir, uma por uma, as bermudas das meninas, que deveriam estar no máximo quatro dedos acima do joelho. A menina “abusada” que fosse para a escola com uma bermuda mais curta era impedida de entrar na escola. Assim, a escola discriminava as meninas e culpava o corpo feminino pelo mau comportamento dos meninos.

Este controle não é exercido somente sobre os alunos, os professores também são constantemente controlados e vigiados para que não saiam da linha, escondendo sua sexualidade. Durante o estágio, minha companheira e eu fomos aconselhadas pela diretora a não ir para a escola mostrando as pernas e nem com camisetas cavadas, afinal as professoras tinham de dar o exemplo.

Na escola, as questões relativas à sexualidade raramente são discutidas abertamente, mas a grande preocupação com a AIDS nas últimas décadas abriu um pequeno espaço para a educação sexual, porém, o tema é tratado apenas em eventuais palestras e oficinas com enfoque biológico e da saúde, ficando totalmente esquecida a dimensão social e cultural que também envolve a sexualidade.

Ao mesmo tempo em que a heterossexualidade é produzida a homossexualidade é negada, restando a aqueles que têm interesses e desejos diferentes da norma heterossexual o silêncio e o preconceito. Meninos e meninas, mesmo antes de saber realmente o que significa, aprendem piadas e gozações destinadas a quem não se enquadra nos padrões de sexualidade e de gênero, como já foi discutido anteriormente.

Na escola, vemos em diversos momentos uma homofobia explícita e consentida, principalmente na identidade masculina, e esta é uma das barreiras que impede a demonstração de afetividade e a proximidade entre os meninos. Diferentemente das meninas, eles não aceitam ficar de mão dada com outro menino nem durante uma atividade específica. Além disso, nossa sociedade “não permite” que homens se beijem no rosto, já para as mulheres o beijo é muito “natural”. Durante toda a faculdade pude perceber os momentos em que essas barreiras apareciam, principalmente durante as atividades que envolviam o toque, como as massagens. A grande maioria dos homens recusava-se a massagear outro homem e quando faziam demonstravam um grande constrangimento.

O preconceito e a negação dos homossexuais é legitimada na escola e marcada principalmente pelo silêncio e pelo distanciamento. Como se o silêncio pudesse garantir a “norma”. Isso faz com que jovens gays e lésbicas sejam percebidos por todos, e até por eles mesmos como desviantes, anormais e ridículos.

“Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse ‘contagiosa’, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade” (LOURO, 1999, p.29).

A escola torna-se um local muito difícil para um sujeito homossexual ou bissexual, quando ensina que só pode haver um tipo de desejo sexual que é inato e que deve ter como alvo um sujeito do sexo oposto. Desse modo, “(...) *o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade como o lugar do desconhecimento e da ignorância*” (LOURO, 1999, p.30).

É interessante notar como tudo o que dá maior visibilidade a aqueles com identidades sexuais consideradas anormais são alvos de fortes críticas e censura, como programas de tv, filmes, músicas, revistas, ou mesmo a recente discussão sobre a união homossexual e as novelas que mostram casais homossexuais. É justamente esta manifestação pública e aberta que incomoda tanto as pessoas que aceitam somente a identidade heterossexual, pois acreditam que esta é a única forma possível e ‘natural’, quanto aqueles que aceitam as “outras” identidades sexuais desde que estas permaneçam escondidas, vividas apenas na intimidade. Porém, o que se pretende é que essas identidades sexuais não sejam consideradas “alternativas”, mas que os sujeitos tenham a possibilidade de vivê-las abertamente como as demais.

## Capítulo III

### **Respeitando as diferenças**

Uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade, que normalmente opõe uma à outra, nega todos os sujeitos que ultrapassam as barreiras do seu gênero ou que não se enquadram em nenhuma dessas formas. Quando meninos e meninas/mulheres e homens vivem masculinidades e feminilidades diferentes das consideradas corretas pela sociedade, são vistos como “anormais” e não são reconhecidos como homens e mulheres “autênticos”.

Ultrapassar as fronteiras do gênero e da sexualidade é um grande desvio, a suprema transgressão, pois estas são consideradas intransponíveis e proibidas; diferente, por exemplo, das fronteiras de classe. Embora com alguma resistência já se aceita que um operário torne-se presidente da república.

A vigilância sobre o gênero e a sexualidade busca a “normalidade” (aquilo que é culturalmente definido como normal), representada pelo sujeito heterossexual e pela forma masculina e feminina hegemônica.

A escola também trabalha para manter essa “normalidade”. Conforme já vimos anteriormente, professores e professoras têm idéias estereotipadas acerca de cada gênero e esperam de seus alunos e alunas comportamentos condizentes com essas idéias estereotipadas e até preconceituosas. Desse modo, meninos e meninas que revelem comportamentos diferentes do esperado são vistos com grande preocupação por estes professores.

E foi assim que aconteceu com a Jéssica, uma menina da 4<sup>a</sup> série que me chamou a atenção logo no primeiro dia de aula. Ela era a primeira a sair correndo para a

quadra e a pedir a bola para jogar futebol. Ficava eufórica com a aula de educação física.

Eu logo me identifiquei com aquela garota, afinal é muito bom ter um aluno para te contagiar com a empolgação pela sua aula. Além disso, eu estava achando muito interessante ver uma menina querendo tanto participar de tudo, correndo, xingando, brigando e brincando. Não tinha visto muitas meninas assim, nem quando eu era aluna e atleta.

Eu pensava que as meninas queriam ser bonecas, lindas... Algumas mais “aparecidas” e outras bem paradinhas em algum canto. No máximo elas poderiam gostar de dançar, assim como as bailarinas das caixinhas de música.

Após algumas poucas aulas, três no máximo, a professora da sala que acompanhava todas as aulas me chamou em um canto da quadra, enquanto as crianças se organizavam para jogar futebol nos últimos dez minutos da aula, e me perguntou: “Você percebeu como a Jéssica parece um menino? Na sala de aula ela não pára quieta, quer correr o tempo todo! Olha o jeito que ela se veste! Ela é muito agressiva, briga até com os meninos por causa do futebol!”

Na hora em que a professora me falou não dei muita atenção, mas nas aulas seguintes eu comecei a reparar mais na Jéssica. Ela estava sempre com duas trancinhas no cabelo, vestia uma bermuda ou uma calça de moletom, a camiseta do uniforme da escola e um tênis no pé. Nada mais adequado para uma criança que vai à escola e se movimenta bastante. Porém, ela era uma das únicas meninas que se vestia assim, as outras estavam sempre de saíngas e sandalhinhas com saltos.

Nesta classe, como em muitas outras, os meninos e as meninas nunca se misturavam, a não ser que eu interferisse na organização. Mas quando eu comecei a reparar neste “jeito” da Jéssica, percebi que o relacionamento dela com os meninos era

bem diferente. Era como se ela tivesse sido aceita no “clube do bolinha” e ganhado o respeito dos meninos, que até brigavam para ser do time dela no jogo de futebol. O mais interessante era ver como as meninas agiam em relação à Jéssica. Algumas, poucas, pareciam querer se como ela e sempre tentavam entrar para o time dos meninos, mas eles sempre reclamavam da falta de habilidade delas. Outras, além de ter pavor da bola e do jogo, pareciam não aprovar o comportamento da Jéssica: “Ah! Ela parece um menino!”

A Jéssica, por ir contra um determinado ideal feminino ligado à fragilidade e à passividade era vista na escola como um “caso estranho” e era alvo de comentários na sala dos professores e entre os próprios colegas.

Louro (1997) cita uma situação escolar semelhante à da Jéssica relatada por Deborah Britzman, na qual uma menina desempenha com muito sucesso a função de goleira<sup>3</sup> num jogo de futebol feminino e um pai do time adversário exige “provas” de seu gênero. Desse modo, são apresentados diversos caminhos que a Jéssica e esta menina poderiam seguir:

“(…) a possibilidade de que seu comportamento seja construído como ‘desviante’; a de que ela se torne ‘o projeto pedagógico’ de um professor ou professora o/a qual irá, então, tentar ‘refeminizá-la’; ou, quem sabe, a de que ela tenha chance de encontrar pessoas, livros ou situações que lhe mostrem outras mulheres que ousaram transgredir a normalização do gênero para ‘construir novos desejos e novos estilos’” (LOURO, 1997, p.83).

Infelizmente essas meninas terão muito mais chances de aprender que seu comportamento e seus desejos não são normais e que precisam ser escondidos, pois são inapropriados para seu gênero.

---

<sup>3</sup> É curioso, mas ao digitar a palavra “goleira” no meu computador ela apareceu grifada em vermelho, o que indica que há um erro, a sugestão para a correção era colocar a palavra no masculino.

Podemos pensar o mesmo de um menino que não goste de futebol, afinal em nossa sociedade gostar de futebol é uma “obrigação” para um menino “normal”. Se ele assumir comportamentos ditos femininos e interessar-se pela dança e não pelo futebol será considerado um “comportamento desviante”. “*Os meninos têm de marcar no próprio corpo a interdição ao prazer de um gesto mais sensível, delicado, mais leve*” (FRAGA, 2000, p.126).

LUCY e SKY/ JJ MARREIRO



Acredito ainda que a vigilância é muito mais intensa sobre o comportamento masculino do que no feminino, e um dos motivos é o machismo, ainda muito presente na nossa sociedade, que faz com que algumas dessas repressões que os homens sofrem não sejam consideradas como tal, mas elas também impedem aos homens outras possibilidades de atuação.

Houve várias mudanças nos modos de ser masculino e feminino, principalmente nas últimas décadas, porém as conquistas femininas tiveram maior visibilidade e aceitação. Mas ao mesmo tempo em que ocorre essa emancipação da mulher, as exigências morais e antigos tabus continuaram a pesar sobre ela, e quanto mais ela escapa da esfera privada doméstica, a sociedade lança um sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos e do marido (SARAIVA, 1999).

LUCY e SKY/ J.J. MARREIRO



Um documentário exibido na tv mostrou diversas mulheres pioneiras no Brasil e que foram destaque em campos profissionais predominantemente masculinos (grandes empresárias, engenheiras, juíza de futebol etc) e que, apesar da satisfação profissional, declararam certa culpa por não estarem tão presentes em casa, dedicando-se aos filhos e ao marido. Assim podemos notar uma grande contradição entre a imagem da mulher moderna e os resquícios do “antigo” conceito de feminilidade que ainda insistem em aparecer, previstos para serem incorporados pela futura mulher/esposa/mãe.

## Capítulo IV

### **Aulas de educação física: meninas e meninos “juntos”, mas separados**

Professores de educação física, tanto de escolas públicas quanto de escolas privadas, encontram grandes dificuldades em ministrar aulas para meninas e meninos conjuntamente. A resistência vem de alunos e de professores. Muitos professores aprenderam em sua formação que meninos e meninas não devem praticar as mesmas atividades. Outros, ao encontrarem dificuldades, acabam optando por separar as atividades para cada gênero. Os meninos reclamam da falta de habilidade das meninas que acabam atrapalhando o bom desempenho deles; já as meninas reclamam da grosseria dos meninos e da pouca participação delas nos jogos coletivos, pois os meninos nunca “passam a bola” para elas.

O porquê desta desvantagem no que diz respeito “(...) a conhecida limitação das meninas no desenvolvimento de sua motricidade ampla, em relação ao maior desenvolvimento dos meninos nesse aspecto” (SARAIVA, 1999, p.23) se refere à construção cultural diferenciada de meninos e meninas, como já foi discutido anteriormente, que valoriza e incentiva apenas os meninos a participar de atividades esportivas mais ativas (como os jogos coletivos), limitando as meninas a brinquedos e jogos mais “parados” e que geralmente às incentivam aos trabalhos domésticos.

Podemos pensar uma outra problemática que está relacionada à própria educação física, que ao adotar o esporte como único conhecimento a ser trabalhado na escola adotou também todas as regras desta instituição, com sua rigidez e ênfase no caráter

competitivo. A criação de equipes masculinas e femininas separadamente e a competição, que leva à busca do rendimento, ao serem levadas para dentro da escola, agravam ainda mais as diferenças de meninas e meninos, pois há exclusão dos menos hábeis, geralmente as meninas.

O que comumente acontece nas aulas mistas que têm o esporte como o único conhecimento abordado é que se formam dois grupos, um de meninas que jogam vôlei (esporte mais suave) e outro de meninos que jogam futebol (esporte agressivo). Assim, uma aula “mista” acaba tratando meninos e meninas de maneira diferenciada e impedindo que todos os alunos vivenciem as mais variadas atividades. Sob essa ótica, não basta simplesmente que meninas e meninos estejam juntos na aula para que seja experimentada uma CO-EDUCAÇÃO, entendida

“(…) como possibilitadora da desconstrução do estereótipo sexual para aceitação de uma cultura de gênero e para o encaminhamento de duas possibilidades: de um lado, que homens mais afinados numa cultura feminina possam ser, sem preconceitos, mais suaves e, de outro lado, que mulheres afinadas numa cultura masculina, possam ser, da mesma forma, mais fortes. Mas, sobretudo, que as valorizações de ambos em suas respectivas atuações sejam iguais” (Saraiva, 1999, p.19).

Durante toda minha vida de estudante, minhas aulas de educação física foram assim: meninas e meninos “juntos”, mas separados. Atualmente, como professora, penso ser possível fazer diferente, e é possível. Porém é preciso muito cuidado, pois muitas vezes, na tentativa de diminuir as diferenças entre meninos e meninas, lançamos mão de regras que são tão sexistas quanto a separação de meninos e meninas.

E foi assim que aconteceu em uma aula durante meu estágio em uma escola estadual de Campinas. Era uma turma de 4ª série e estávamos trabalhando com jogos e

brincadeiras populares. Depois de algumas aulas em que eles brincaram de pega-pega de várias maneiras, nós fomos brincar de “nunca três<sup>4</sup>”.

Quando pedi para eles separarem as duplas, como sempre, os meninos fizeram duplas com meninos e as meninas com meninas, e a brincadeira começou com um menino como pegador e outro fugindo. Eu nem percebi que só os meninos estavam jogando. Os meninos, para se salvarem, só iam até as duplas de meninos, e assim somente eles brincavam. As meninas começaram a ficar chateadas, até que uma delas deu um berro com os meninos “Por que vocês não param de pegar só os meninos?” No mesmo momento o menino fugitivo foi lá e se salvou com esta menina, que passou a ser a pegadora. A partir daí, só as meninas brincavam, e os meninos mais impacientes logo vieram reclamar: “Professora, só as meninas estão brincando, elas nunca se salvam com os meninos!”

Com toda experiência que eu tinha como professora (umas dez aulas no máximo), resolvi colocar uma regra para solucionar o problema: *“A partir de agora, os meninos só poderão se salvar com as meninas e as meninas com os meninos”*.

Reiniciamos a brincadeira e logo no começo algumas duplas já desistiram e foram se sentar. Eu fui perguntar para eles porque não queriam mais brincar e quando virei as costas não sei nem o que aconteceu, mas a brincadeira já não existia mais. Todos os alunos vieram se sentar reclamando: “Professora, assim não dá pra brincar, vamos fazer a brincadeira normal, sem essa regra?”

A aula acabou naquele momento e eu nem entendi direito o que tinha acontecido e também não soube o que fazer. Em muitos outros momentos esta separação de meninos e meninas voltou a acontecer nas aulas, mas pude perceber que a regra

---

<sup>4</sup> O jogo “nunca três” é uma espécie de pega-pega no qual os jogadores ficam em duplas distribuídos em determinado espaço. Uma das duplas inicia o jogo com um integrante da dupla como pegador e outro como fugitivo. O fugitivo para se salvar corre até uma das duplas que estão paradas e pega na mão de um dos integrantes da dupla, assim o outro integrante da dupla que ficou com as mãos livres passa a ser o pegador e o que anteriormente era pegador passa a ser o fugitivo.

proposta era tão sexista quanto as atitudes dos alunos. Talvez uma conversa sobre o assunto fosse mais esclarecedora e pudesse contribuir na diminuição das diferenças.

Na educação física, os professores utilizam constantemente este tipo de regra para obrigar meninos e meninas a se juntarem. Na tentativa de fazer um jogo de futebol misto, atividade na qual a inferioridade das meninas é reconhecida pelos professores, pelos meninos e até pelas próprias meninas, diversas regras sexistas são lançadas, como por exemplo, o jogo de futebol no qual somente as meninas podem fazer gol ou o gol de uma menina vale dois pontos. Desse modo, não está havendo uma tentativa de diminuir as desigualdades, pois a inferioridade das meninas acaba sendo ainda mais explorada e exibida.

## Capítulo V

### **“Mudar é difícil, mas é possível<sup>5</sup>”**

A compreensão de que os estereótipos de gênero são construídos culturalmente e, portanto, passíveis de mudanças é o primeiro passo para uma transformação social, que objetiva iguais oportunidades a todos os sujeitos, mulheres e homens.

Esta conscientização, porém, não é suficiente. A transformação necessita de movimentos mais amplos que cheguem a interferir nas políticas públicas. Também não podemos pensar que a escola, sozinha, poderá transformar a sociedade, já que a construção dos estereótipos de gênero e a educação sexista têm sua base na família e uma história cultural muito enraizada na nossa sociedade. Porém, não podemos ficar esperando que esta transformação ocorra para começar a agir. A escola e a educação física podem iniciar um processo de revisão desses conceitos ao invés de acentuar as diferenças entre mulheres e homens e rejeitar todos os sujeitos considerados “anormais”. Para que isso aconteça precisamos duvidar do “natural”, questionar o que é considerado “normal”; perturbar nossas certezas.

A desigualdade e o preconceito só poderão ser desestabilizados e superados quando pudermos perceber como estes são produzidos e reproduzidos. Isso implicará, primeiramente, na busca de conhecimento e informação, para que depois possamos observar e questionar nossos próprios comportamentos e práticas cotidianas.

Se há um único modelo, uma tradição social que diz que as meninas são passivas e sensíveis e os meninos ativos, agressivos e fortes, o professor de educação física, que tem grande influência na construção cultural dos corpos de seus alunos, tem de enfrentar o problema de frente, trabalhando conjuntamente com toda a escola para que seus

---

<sup>5</sup> FREIRE, 1997, p.88.

alunos e alunas compreendam que os modelos apresentados pela sociedade como “normais” e “naturais” limitam, tanto os homens quanto as mulheres.

Além de conscientização, é necessário que o professor promova práticas que proporcionem iguais oportunidades de vivência às meninas e aos meninos, possibilitando que ambos alarguem suas potencialidades e aprendam que não existe uma superioridade e uma inferioridade. É necessário questionar os arranjos tradicionais de gênero e sexualidade.

“Co-educar não é pôr em uma mesma classe indivíduos de ambos os sexos, nem tão pouco é unificar, eliminando as diferenças mediante a apresentação de um único modelo. Não é uniformizar as mentes de meninas e meninos; ao contrário, é ensinar a respeitar o diferente e a desfrutar da riqueza que a variedade oferece” (MORENO, 1999, p.77).

Acredito ainda, que um processo de transformação já está em andamento: a conquista pelas mulheres por um mercado de trabalho que até bem pouco tempo atrás era dominado exclusivamente pelos homens; a grande visibilidade dos sujeitos homossexuais e bissexuais; a maior abertura para discussões sobre a sexualidade, sexo e gênero, impulsionadas pelo aparecimento da AIDS; as inovações tecnológicas que possibilitam a mudança de sexo e novas formas de reprodução; a internet que fez surgir novas formas de relacionamento; a multiplicação dos arranjos de família. Tudo isso ultrapassa barreiras sociais, que até pouco tempo eram consideradas intransponíveis e abre a possibilidade para outros saberes, outros modos de vida, outros comportamentos e valores que vão atravessar as instituições e os sujeitos.

## Referências Bibliográficas

- DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em “antas”. In: DAOLIO, Jocimar. *Cultura; Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.79-90.
- DELAMONT, Sara. *Os papéis sexuais e a escola*. Lisboa: Coleção BEP. Horizonte, 1985.
- FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Orga). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.7-34.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- ROMERO, Elaine. A educação física a serviço da ideologia sexista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.15, n. 3, p. 226-234, 1994.
- SARAIVA, Maria do Carmo. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: editora da UNIJUÍ, 1999.
- SOARES, Carmem Lúcia, GOELLNER, Silvana V. O elogio à diferença: o avesso da segregação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.15, n.3, p.263-264, 1994.
- SOUSA, Eustaquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte*. Campinas, 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

TAPAJÓS, Laís. Como se escreve (por linhas tortas) o fracasso escolar de uma criança.  
*Revista Nova Escola*, São Paulo, ano II, n.17, p.10-14, nov./1987.